

UM BAILE ASPECTOS DO TRAJAR SERRANO NO DOBRAR DO SÉCULO

Emanuel Andrade C. Sancho*

Advertência

Talvez a maior frustração do investigador seja a de ter entre mãos os despojos sempre insuficientes de um momento passado, e assim tão parcamente munido, querer entrar dentro de uma época, de um ambiente e de uma mentalidade. As recordações de algum velho romântico e o velho baú atafalhado de fotografias, jornais, revistas com anúncios das *Modes de Paris* e as velhas roupas cheirando a mofo, são apenas peças soltas de um jogo complicado.

Pegar nesta amálgama etnográfica, descodificá-la, reconstruir um ambiente, dispor os personagens, vesti-los a rigor e dar-lhes vida, é um exercício excessivo e que invariavelmente gera imagens-tipo que dão resultados inversos dos pretendidos. Vejam-se alguns ranchos folclóricos: enquanto os homens estão rigorosamente uniformizados a preto e branco, as mulheres, apesar de *coloridas*, usam geralmente as mesmas peças e adereços. As mesmas barras multicores nas saias, o mesmo avental, a mesma flor no chapéu, etc.

Há um século atrás, o mundo não era a preto e branco, embora as fotografias no-lo queiram sugerir. A diversidade de adereços, formas, cores e materiais era enorme. Existiam os ricos e os pobres. E se queremos ser verdadeiros, se queremos reproduzir por alguns minutos que seja, como era (por exemplo) um baile no Algarve de 1900, teremos de, pelo menos, alertar para a parcialidade e limitações da amostra.

* Director do Museu Etnográfico do Trajo Algarvio

Introdução

Na serra não existem nobreza nem grandes fortunas. A terra é pobre e os rendimentos escassos. Quase todos têm o seu naco de terra e trabalham-no até à exaustão. Na época das ceifas, homens e mulheres espalham-se pelo Alentejo e até pela Andaluzia, de onde trazem práticas e modas que rapidamente assimilam. Do mesmo modo, deixam pelos caminhos, pelas aldeias e herdades, sinais das suas falas e melodias, facto relatado exemplarmente por um escritor-símbolo do Alentejo⁽¹⁾.

Os que conseguiram acumular alguns haveres devem-no ao pequeno negócio ou a alguma herança. Não pegam na enxada mas a manutenção das terras exige-lhes muitos trabalhos e canseiras. São as ocasiões especiais – a missa ao domingo, o baile, as feiras, acontecimentos de afirmação comunitária que se realizam ao longo de um calendário ritualizado – que fazem verdadeiramente transparecer as diferenças.

O baile é lugar de encontro dos jovens e dos menos jovens. Para os primeiros é o momento culminante de uma aproximação que, porventura, principiou junto à fonte ou à entrada da missa no domingo. A moral é aqui mais condescendente do que no dia-a-dia, mas tal não impede que alguns pais acompanhem as filhas sobre quem exercem uma discreta vigilância. Os menos jovens não enjeitam a oportunidade de desenferujar o calçado com um balso rasteiro bailado a preceito.

A presença dos mais velhos não sendo rara é, em alguns casos, mesmo socialmente interdita. O recato aconselhado pela idade, pela viuvez, pela ausência do marido ou por qualquer comportamento menos ortodoxo do próprio ou de algum familiar próximo, é pretexto suficiente para lhe lançar uma capa, um xaile ou um lenço negro sobre a cabeça e uma acesa censura à exposição pública, afastando-os definitivamente destes ares.

E a música? – *Harmónica, ferrinhos, canas, garrafas com garfos e o cântaro*⁽²⁾ eram os instrumentos mais utilizados. Os músicos, sempre muito requisitados, mostravam-se orgulhosos da sua arte e eram admirados pelos demais. O homem do harmónio ou da harmónica de beijos (mais recuadamente da flauta), era músico experiente e muitas vezes pago, senhor de uma apreciável técnica adquirida ao longo de anos. Quando não havia músico, *uma rapariga cantava os versos do baile, e os restantes respondiam-lhe em coro ou batendo palmas, enquanto marchavam ou faziam roda*⁽³⁾.

Frequentemente, o homem do harmónio, sem interromper a música, juntava-se por alguns minutos aos que bailavam, constituindo este um dos momentos altos da festa. A espaços, o ritmo diminui e ouviam-se os bailes de roda em ritmo lento, quase melancólico, com o Alentejo ali tão perto.

Na serra, os bailes terminavam frequentemente pela destralça da dança de homens – dança do teso – violenta e viril, que lembra esquecidos rituais em que se disputava a hegemonia no grupo através da força física.

⁽¹⁾ «Todos os anos, mulheres que vivem lá para o Sul, ao pé do mar, atravessam as serras e espalham-se pela planície, para a monda e o trabalho dos arrozais. Trazem cantigas alegres e falas rumorosas, e o povo junta-se nos largos para as ver passar a caminho das herdades. E, nos primeiros dias da faina, à hora em que o manageiro tem as palavras mais desejadas (...) as mulheres de ao pé do mar cantam coisas novas e coloridas». In *Aldeia Nova*, Manuel da Fonseca, 1911.

⁽²⁾ In *Gente da Serra*, Elias Nemésio, Faro, 1931.

⁽³⁾ In *O Livro do Alportel*, Estanco Louro.



Lavrador em traje domingueiro
Aguarela de Maria Salomé Sancho



Senhora em traje domingueiro
Aguarela de Maria Salomé Sancho



Jornaleiro em traje domingueiro
Aquarela de Maria Salomé Sancho



Mulher em traje domingueiro
Aquarela de Maria Salomé Sancho

O Trajo

Pelo facto de não se enquadrar nesta publicação uma análise exaustiva dos tipos humanos e respectivo trajar que frequentariam um baile em princípios do século, optou-se por uma descrição ligeira de dois casais jovens: um proveniente de família abastada e o outro originário de família de fracos recursos.

O rapaz, filho de algum lavrador da aldeia, vestia o seu trajo domingueiro – calça de lã (surrobeco) ou de bombazina e camisa sempre branca, de linho ou algodão, com peitilho e colarinho pequeno de pontas arredondadas ou em bico. Uma faixa negra ou castanha, tecida em tear, «aconchegava-lhe» a cintura. Poderia usar ou não o colete, dependendo da época do ano. Uma jaqueta com ou sem alamares feita do mesmo tecido das calças ou a condizer, emprestava-lhe uma certa nobreza no porte. Usava chapéu de aba larga e botins pretos ou castanhos.

Da algibeira do peito espreitava por vezes um lencinho branco, bordado e oferecido por alguma admiradora. Certamente que não deixaria de usar, bem exposta, a corrente de ouro do relógio, para marcar a diferença. Se a noite era fria, uma pesada capa cobria-o completamente, mas era deixada logo à entrada do baile. As cores mais usadas eram o negro, o cinzento, o brique e o castanho. O branco (linho) era para o Verão.

Um adereço largamente usado na época era o robusto pau de que jovens e menos jovens se faziam invariavelmente acompanhar. Certamente não sabiam que «descende» da espada que noutros tempos os seus avós usavam à cinta como mero adereço e símbolo de masculinidade, embora adaptada ao tempo e ao lugar. Os rapazes, sempre de varapau na mão, ganhavam assim uma maturidade que não tinham. Fosse como fosse, funcionava sempre como um bom amigo para os bons e maus momentos, não fosse a festa desandar numa cena de pancada como tantas vezes acontecia, ou como garantia de uma calma jornada de regresso a casa.

A rapariga de família abastada envergava um fato de lã ou algodão, cujo tecido havia sido adquirido a algum comerciante daqueles que calcorreavam a serra de monte em monte ou comprado *lá no Algarve*⁽⁴⁾. O feitio tinha sido rabiscado à pressa, num bocado de papel, aquando da última ida à cidade. O cinzento, o vermelho-tijolo e alguns tons de azul e verde eram cores bastantes usadas. A parte superior do fato tinha sempre qualquer tipo de enfeite que o valorizava: um remate de passa-fita, um peitilho de renda, nervuras, pregueados, etc. Usava uma bolsa de tricot ou de veludo bordado com motivos florais ou monograma. Um cordão de ouro, um pregador, brincos, eram adereços quase obrigatórios. Calçava uns delicados botins de cor preta ou castanha, abotoados até acima como uma dama da cidade. Nas noites frias de Inverno, usava uma mantilha ou simplesmente uma capa curta pelos ombros.

A roupa interior era um universo insondável, observando-se a utilização profusa do bordado a branco, pretensamente erudito, com que esta mulher se distanciava da rival pobre. No tronco, um corpete de pano fino trabalhado com entremeios de renda, bainhas abertas, etc. As *coulottes*, um género de calção comprido, chegavam-lhe pouco abaixo do joelho, onde eram presas com atilhos, terminando por uma ou várias ordens de folhos rendados. Sobre as *coulottes*,

⁽⁴⁾ Expressão usada pelos serrenhos para significar o baixo Algarve ou litoral.

usava uma anágua de algodão de barra sempre caprichosamente trabalhada que ela, maliciosa, a despeito das voltas rápidas de um corridinho, deixava por vezes aparecer. Para dar volume à saia, poderia usar um ou mais saíotes de algodão, lã ou crochet.

Os rapazes de condição social modesta – jornaleiros, arreeiros, etc. – tidos por rudes no vestir e esquivos no trato, «...calçam uns sapatorros formidáveis, grossos, com as solas crivadas de cardas tamanhas, que resistem e esmagam como ferraduras»⁽⁵⁾. As botas, que mal cobriam o tornozelo, eram as do dia-a-dia cuidadosamente engorduradas, para disfarçar o entranhado pó da terra, ou para mais afortunados, as que estavam reservadas para as ocasiões.

As calças eram de cotim ou lã, sempre em tons variáveis de castanho, cinzento ou preto. A camisa tinha gola chanfrada e era de algodão branco ou levemente riscado e de feitiço simples. Um colete negro, cinzento ou castanho completava a indumentária. Na cabeça, usava um barrete negro que guardava em ambientes interiores.

Nas deslocações usava o gabão de soriano, um tipo de capa, impermeável, sem mangas, que podia chegar abaixo do joelho. Peça de vestuário de características arcaizantes, era largamente utilizada indistintamente por homens e mulheres.

Nas raparigas, o interior do traje pobre era modesto e de características diferentes da rapariga abastada. Os bordados que guarneciam as barras de anáguas e saíotes tinham o cunho marcadamente popular que era dado pela cor. Aplicavam-se então os motivos bordados a ponto de cruz, aprendidos nos mapas⁽⁶⁾, e exaustivamente repetidos em barras, monogramas, etc.

As raparigas vestiam blusa de algodão de uma grande diversidade de feitios. De gola alta pregueada, de peitilho, etc., mas sempre com abinha – um prolongamento, normalmente pregueado na parte inferior, que acompanha a cintura, realçando-a – pormenor fixado de outras modas passadas. A saia era de riscado de algodão ou estamenha tecida nalgum tear da região. Um avental, em puro acto de encenação, pois o baile é o palanque por excelência, lembrava aos pretendentes as suas qualidades caseiras. Servia para quebrar a monotonia quando a saia era menos garrida.

As cores usadas eram bem mais vivas do que as da sua rival mais endinheirada, sendo o azul-ferrete particularmente apreciado. A barra da saia de baixo (saíote) de cor berrante – verde, vermelho ou azul – aparecia a espaços. Calçava robustos sapatos de cabedal, às vezes com presilha, e sempre com cardas protectoras, inconfundíveis no sapateado de algumas modinhas mais mexidas.

Se era Inverno, certamente ela traria um xaile de lã, dobrado em bico que à saída colocava pelas costas. O gabão era normalmente usado.

⁽⁵⁾ In *No Paiz do Sol*, Ludovico de Menezes, Lisboa, 1907.

⁽⁶⁾ Mapa – Pano de algodão ou linho (talagarça) onde a rapariga aprendia a bordar, copiando os motivos e desenhos existentes numa amostra.